



VIAGEM À AMAZÔNIA

DESENHOS E FOTOGRAFIAS

FERNANDO AUGUSTO



O Centro Cultural Câmara dos Deputados
apresenta

VIAGEM À AMAZÔNIA

DESENHOS E FOTOGRAFIAS

FERNANDO AUGUSTO

Centro Cultural


Secretaria de
Comunicação Social



Viajamos para viver

“Não viajamos para chegar, viajamos para viver”. Assim Goethe descreve o elemento essencial que anima a alma do viajante e o sentido de toda viagem: viajar para descobrir, para conhecer, para se animar, para viver. Na Amazônia, maior floresta tropical do mundo, a natureza assume aspectos desconcertantes: atrai e distancia, acolhe e expulsa. O cenário grandioso, constituído de verdes intensos, água, animais e muitas distâncias, abriga uma população resistente, que vive à beira dos rios, à mercê das enchentes e vazantes e das intempéries da floresta. Para dar assistência a essa população ribeirinha, o governo brasileiro, por meio da Marinha, criou o projeto Navios da Esperança, que uma ou duas vezes por ano visita algumas dessas comunidades, levando serviços médicos hospitalares e fazendo reconhecimento de terreno. Em 2011, tendo tomado conhecimento desse trabalho e interessado em ver de perto o ambiente amazônico, propus à Marinha brasileira projeto para trabalhar embarcado em um de seus navios. O projeto foi aceito e, entre 11 e 23 de janeiro de 2012, naveguei o Rio Madeira, de Manaus a Porto Velho, no Navio Carlos Chagas (Nasch), com o propósito de fotografar e exercitar uma prática muito presente na formação de nossa cultura: a do artista viajante. Levava a bordo estas questões: Como desenhar paisagens? Quais seriam os pontos de contato entre os desenhos que me propunha a realizar e os dos artistas viajantes de outrora? Que possibilidades de representação de mundo tem o desenho hoje, em meio à fotografia e às novas tecnologias? Esta exposição e as imagens aqui apresentadas são algumas vias seguidas na tentativa de respostas perguntas e/ou constituição de novas questões.

Fernando Augusto
Vitória-ES, inverno de 2015



Sento-me em um barco
respiro o ar fresco da floresta
lembrança de outras
viagens.

Anotações de viagem¹

—01

Em 11 de janeiro de 2012, embarco em um navio hospital da Marinha Brasileira para uma viagem de 13 dias subindo o Rio Madeira, de Manaus a Porto Velho. Acompanho o trabalho de atendimento médico que a Marinha presta à população ribeirinha, denominado *Navios da Esperança*², com o objetivo de fotografar e desenhar os diversos cenários amazônicos. O propósito é conhecer essas paisagens e exercitar uma prática muito presente em nossa cultura: a do artista viajante. Ao embarcar, eu me pergunto: como desenhar paisagem hoje? Que sentido tem hoje ir até a natureza, aos lugares mais diversos para desenhar? Quais os pontos de contato entre esta viagem e as dos artistas viajantes de outrora que passaram por estas terras? Que possibilidades tem o desenho hoje, nesta senda que ele próprio ajudou a construir, de registrar e criar paisagens, face à fotografia digital e às novas tecnologias? Estas perguntas se desdobram em outras, infinitamente, às quais eu só posso responder bem desenhando.

¹ Parte deste texto já foi publicada no livro *Viajamos para viver — fotografias e desenhos*, GSA, Vitória-ES, 2013 e no VII Seminário de Leitura de imagens para a Educação: múltiplas mídias. Udesc, Florianópolis-SC, 2014 (ISSN 2175-1358), <http://www.nest.ceart.udesc.br>

² São navios de operações e de assistência médica, odontológica e hospitalar da Marinha Brasileira, baseados na Flotilha do Amazonas. Eles navegam pelos diversos rios do interior da Amazônia e do Pantanal, prestando ajuda às comunidades ribeirinhas, que se localizam às margens dos rios. Realizam ainda palestras sobre prevenção de doenças, cuidados com higiene pessoal e com o preparo de alimentos e, em razão desses serviços são conhecidos pelos ribeirinhos como *Navios da Esperança*.

—02

Logo nas primeiras horas depois do embarque, começo a desenhar olhando a sombra da floresta que se delinea à margem do rio, os grandes barrancos e árvores que vão ficando para trás, juntamente com a cidade de Manaus. Fico horas criando tons de cinza, sensações de nuvens, de água e a silhueta da floresta no meio do papel. Começo riscando meio aleatoriamente, tentando encontrar ideias. Lembro-me do bellissimo desenho de Francisco Farias e da entrevista que fiz com ele no Faxinal das Artes³, quando ele me falou da paisagem como conceito, e que toda paisagem é inventada. Não cesso de me perguntar: o que desenhar? Como desenhar? Gostaria de dar um passo à frente, mas vou um pouco para trás. Lanço mão de uma via tradicional, o desenho de observação, esquecendo-me da minha pintura individual, inclusive de qualquer propósito artístico. Vem-me à mente que observar a paisagem é observar algo além de mim, é sair de mim mesmo para ver algo maior e mais forte do que eu: a natureza, e que esta é uma experiência válida. Observando a paisagem, evito “falar-me”, como escreve o poeta João Cabral de Mello Neto, e passo a falar das coisas, dos objetos, de texturas, volumes e formas no espaço; mas me pergunto, como o próprio poeta: na seleção dessas coisas que olho e faço, não haverá uma fala de mim?

³ Evento artístico e cultural, nos moldes de uma residência artística, organizado por Agnaldo Farias, que, em 2001, reuniu na pequena vila de Faxinal do Céu, interior do Paraná, cerca de 100 artistas, curadores e críticos de artes para produção e debate da arte contemporânea.

LIURO DE ARTISTA

VEJO OS DESENHOS LIVROS
DE OTONI E O SKETCHBOOK
AS PAGINAS DESCONHECIDAS
DO PROCESSO CRIATIVOS E
E FICO LOUCO PRA DESENHAR

Manaus 16.04.2001

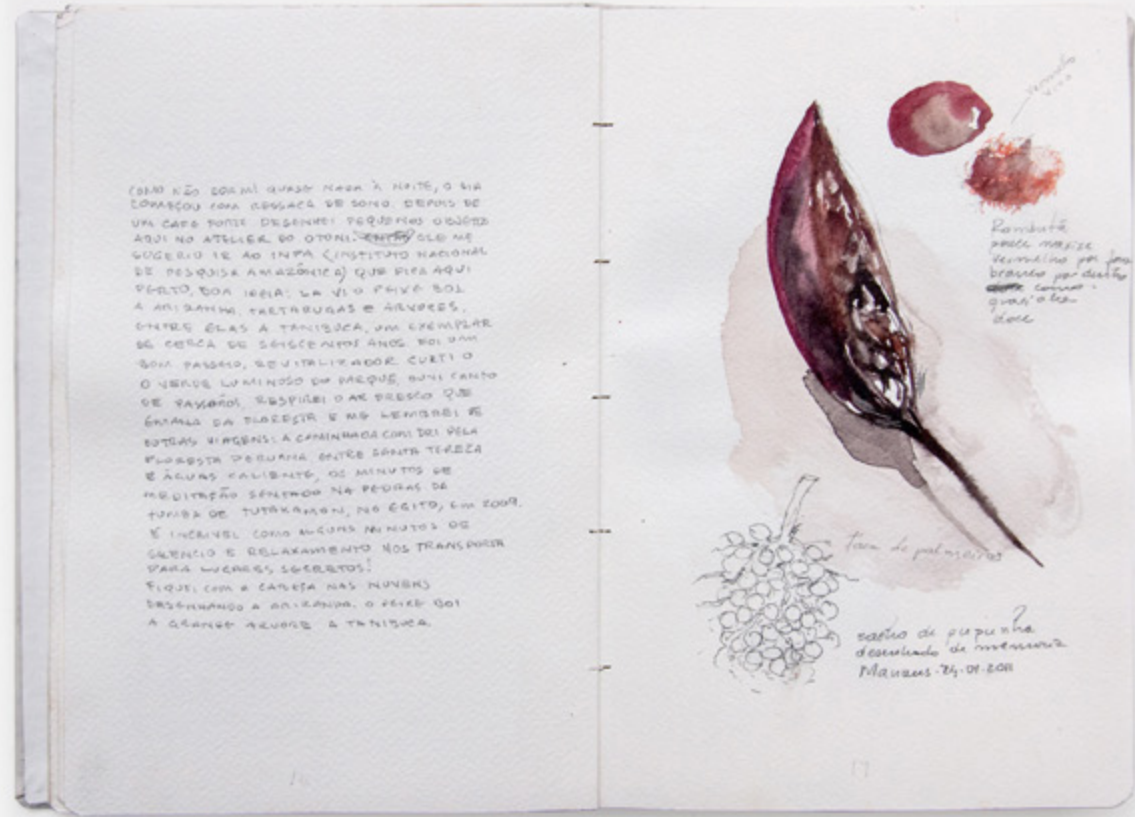
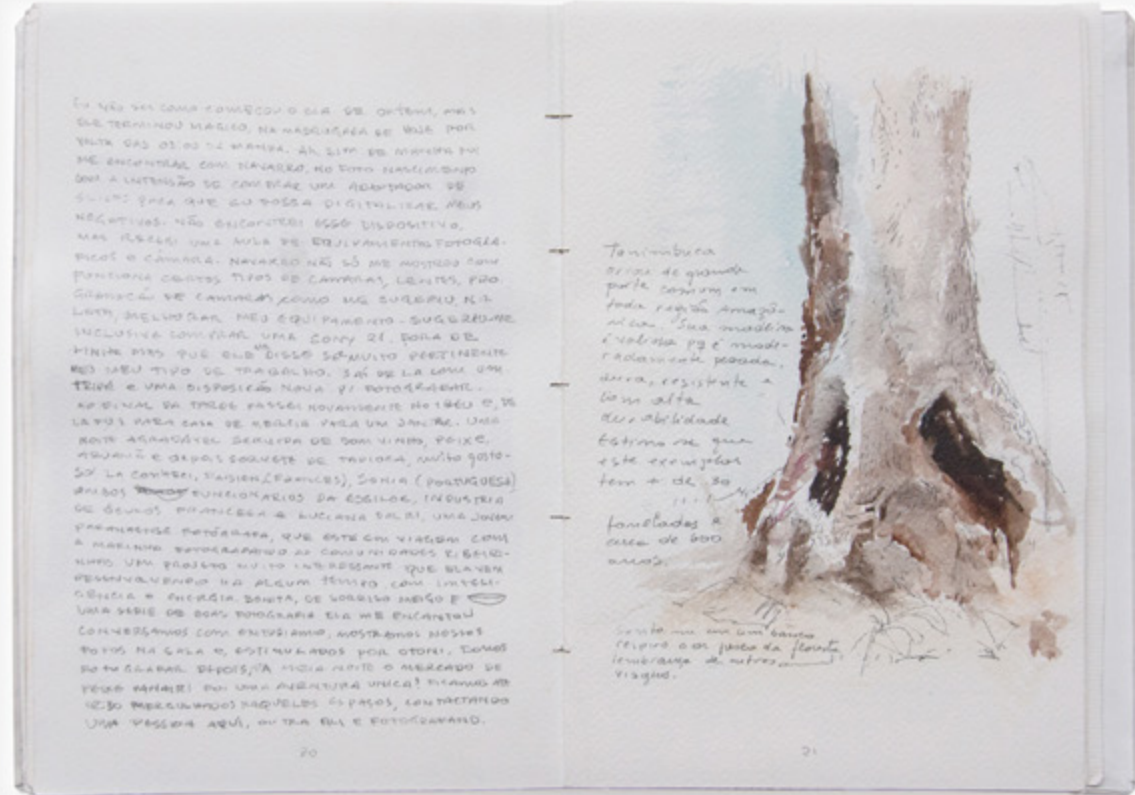
Querido filho, é seu aniversário, um aniversário como parabéns. Se está tão longe? Desenhos o seu retrato é a maneira que encontro para possor horas com você em minha cama, nu, segurando pelas mãos de sua mãe. Carinho redondo e doce para a cama. Desde esse seu retrato em aquela. Desde ontem trabalho nele mas ele me escapa. Além a aquela é uma técnica que sempre não sei como ainda nela como uma técnica de transporencias e leveza e isso só poderia ser conseguido unindo com soltura, leveza, modo de cores, cobertura opacidade, mas a vez isso não vem no primeiro (os pinelados) como fazer para aplicar outros sem criar cobertura? Estou pensando que gostaria de retratá-lo como



mas estou pensando em uma primeira tentativa de ~~desenho~~ a segunda é mistério. Então lhe escrevo, se o desenho não sair bom, pelo menos lhe escrevi e isto também é desenho.

Comigo até a desenhos com lapis sobre a aquarela. Vou lhe confessor uma coisa sobre desenhos: eu não gosto da coisa muito certinha, prevista, ~~sem~~ sem erros, mas também não convivo bem com o erro, com desordem, fico procurando um caminho do meio, que não tenha ponta certo e ninguém possa dizer onde ele está. Se eu parar este desenho aqui agora como ~~se~~ vê-lo daqui a um tempo? Seu desenho apenas esboçado em aquarela, tons róseos, pensando que a qualquer momento vai ser continuado? Fazer estes questionamentos desenhando é uma experiência é o barato! desenhos e cores se anulam e o universo de Manauy a vida e encontro

Parabens filho querido uma saudade antiga visitou meu sono toda esta noite Chove em Manaus. todas as palavras apontam uma distancia e de os uso, assim como o desenho para estar com você, para não me perder. Amo você. 16.04.2001



Viagem a Manaus II Livro de Artista Grafite, nanquim, aquarela sobre papel 24x32cm (aberto), 46 páginas 2011

Viagem a Manaus II Livro de Artista Grafite, nanquim, aquarela sobre papel 24x32cm (aberto), 46 páginas 2011

Viagem a Manaus I Livro de Artista Grafite, nanquim e aquarela sobre papel 24x32cm (aberto), 40 páginas 2011

16.01.2012. SEGUNDA-FEIRA, ALVORADA COM A MÚSICA "NOSSA, AI, AI. ASSIM VOCE ME MATA, AI AI SE EU TE PEGO." DE PARANAENSE MICHEL TELÓ. A MÚSICA FICA EM NOSSA CABEÇA E CAUSA COMENTÁRIOS E RISOS NA PRACA D'ARMAS NO HORÁRIO DO CAFÉ. ATIVIDADE DA MANHÃ ASSHOP NA COMUNIDADE DE SÃO GABRIEL A SER FEITA DE AERONAVE. FICO EXCITADO COM A POSSIBILIDADE DE FAZER BOAS FOTOS, MAS O TEMPO CHUVOSO E TAMBÉM ~~É~~ É UM PROBLEMA DE MÁD CONTATO EM UM PÍO DE ALARME DA AERONAVE, ABORTA, PELO MENOS PELA PARTE DA MANHÃ A OPERAÇÃO DE VOO. HOUVE TAMBÉM ~~UMA~~ AVARIA EM UMA DAS LÂMPADAS, ASSIM SOMENTE A EQUIPE MEDICO/DENTISTA VAI À TERRA. EU SUBO P/ A ÁREA DE GINÁSTICA. FAZ FRIO, COMO CERTOS DIAS DE INVERNO DO PARANÁ. PASSA UMA RADETA MOVIDA A MOTORZINHO - UMA ADAPTAÇÃO PARA CANOES EM INENTADA PELOS RIBEIRINHOS. PASSA TAMBÉM UM REBOCADOR LEVANDO BALGAS COM CONTEINERS. NO MESMO MOMENTO, ~~POSSUÍMOS~~ PASSAMOS POR 03 GRUPOS DE CASINHAS NO MEIO DORIO, SÃO MINERADORES NO TRABALHO DE EXTRAÇÃO DE OURO. ENQUANTO SE DISCUTE NOS ALTOS, A LEGALIDADE OU PROIBIÇÃO DESSOS GALIMPOS ~~ESTÃO~~ ELES CONTINUAM COMO PODEM, EXTRAINDO ALGUM OURO ~~ESTÁ~~ E LANÇANDO MERCÚRIO NO RIO. UM SARGENTO QUE SERVIU NO CHARLOS CHAGAS ENTRE 89 E FINAL DOS ANOS 90 COMENTA QUE ANTES, ESSAS VAGENS DE ATENDIMENTO ERAM ANUNCIADAS PELA RÁDIO NACIONAL E AS COMUNIDADES SE CONCENTRAVAM NOS CENTROS INDICADOS E O ATENDIMENTO ERA MUITO MAIS ABRANGENTES. PORQUE SERÁ QUE MUDOU? FICAMOS COM ESSA PERGUNTA NO AR. APARECE SINAL DA TELEFONIA VIVOS TODOS CORRREM PARA LIGAR. MEU TELEFONE ESTÁ DE MAL COMIGO, DOIS SHIP-TIM E VIVO E NADA, O COMANDANTE ALEXANDRE VÊ MINHA DIFICULDADE E ME OPERECE SEU APARELHO PARA QUE COLOQUE O MEU CHIP, ASSIM CONSIGO FALAR EM CASA. EMOCIONANTE OUVIR A VOZ DE CASA, SABER QUE ESTÁ TUDO BEM. NÃO É PRECISO MUITO, TALVEZ NÃO NOS FALEMOS DE NOVO, ATÉ CHEGAR A PORTO VELHO, QUARTA FEIRA, O IMPORTANTE É SABER E SENTIR QUE ESTÁ TUDO BEM, ISSO É A NOSSA CASA. PENSO EM CASA COM SATISFAÇÃO, SEM SOFRIMENTO. FICO PENSANDO O QUE É SAUDADE E VIVO REALMENTE COM SATISFAÇÃO E SABER QUE TUDO ESTÁ BEM. O TENENTE ISAÍAS ME CHAMAVA ATENÇÃO PARA VER A CIDADE DE HUMBOLDT, UM DOS PONTOS DE ATRACADO DO NAVIO EM OUTROS MOMENTOS, MAS QUE AGORA PASSA DIRETO. ONTEM DOMINGO, TIVEMOS FEIJÃO À MODA ~~DE~~ MAIS UM EXEMPLO DA BOA COMIDA A BORDO QUE TEM ATINGIDO DIRETAMENTE MINHA ALIMENTAÇÃO MACROBIÓTICA. À TARDE NÃO ~~TEVE~~ HOUVE ATIVIDADE DE ASSHOP, APROVEITEI PARA DESENHAR NA SALA. POR ALGUMAS HORAS FIZ DELA MEU ATELIÊ. À NOITE ~~FAZEMOS~~ FAZEMOS QUARELAS DE FRUTAS: JAMBO, CUPUAÇU, BANANA PACOYÁ E UMA ~~DE~~ DO ESPAÇO EMBAIXO DO NAVIO QUE ELES CHAMAM DE POPINHA ESTAMOS EM REGIME DE CONTENÇÃO DE ÁGUA. LÊ-SE NA PORTA DO BANHEIRO: "EM VIRTUDE DO ALTO CONSUMO DE ÁGUA NOS 3 PRIMEIROS DIAS E DA DIFICULDADE DE ABASTECIMENTO EM PORTO VELHO É NECESSÁRIO RACIONARMOS A ÁGUA (REGIME DE AQUADA) HORÁRIOS: 08:00 ÀS 9:30, 11:30 - 12:30h. 17:30 - 18:30h. 20:15 ÀS 21:45h."



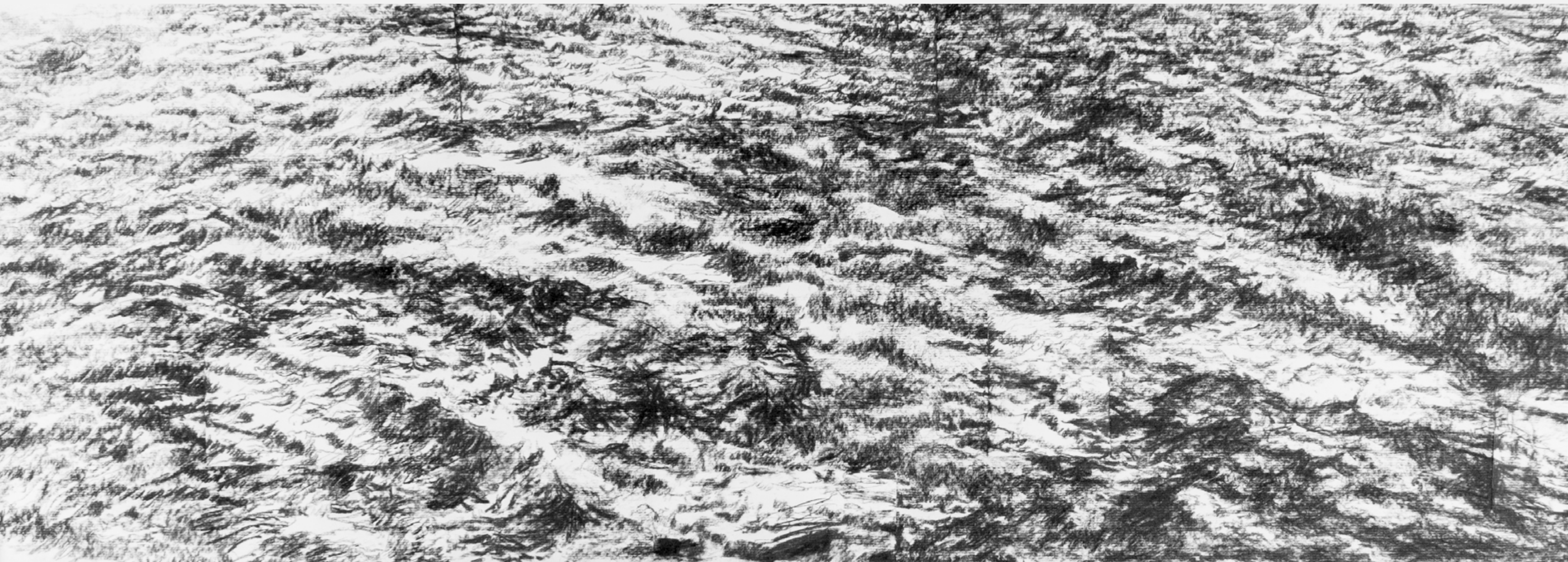
ATE ALEXANDRE E O IMEIATO WILNERSONI É UM TRAZÃO, OS DOIS SÃO IMBATÍVEIS NO JOGO IMAGEM E A HIERARQUIA SE COLOCA COMO ICONE. O COMANDANTE DA MESA E NINGUÉM MAIS PODE SE LEVANTAR QUANDO ESTÁ AUSENTE. O COMANDANTE VÁZIO, MAS COMO SE ESTIVESSE OCUPADO

— 03

Visitávamos uma ou duas comunidades por dia, dependendo do tempo e da distância entre elas. Guardo os nomes de algumas: Arapuanã, Vencedor, Mariri, Bom Retiro, São Carlos, Bom Futuro, Água Azul, Barreiro do Tambaqui e Manicoré, entre outras. Em todas elas, a Marinha é bem recebida e procurada, mesmo chegando sem aviso prévio, às vezes assustando os simples moradores ou mesmo deixando de atender doentes que, desavisados, chegam ao posto atrasados. Em cada comunidade onde o pessoal do navio presta atendimento, desço para conhecer o lugar, as pessoas e também para fotografar e desenhar. Os ribeirinhos curtem ver os desenhos sendo construídos, os rabiscos estruturais se transformando em paisagens ou retratos, e todos se dispõem a posar para serem desenhados. Essas curtas sessões de modelo

vivo nos diversos momentos da viagem são momentos de encontro, de conversa, de convivência através do desenho. Assim, em um clima descontraído, vou registrando árvores, crianças, homens e mulheres. De uma forma geral, eles se divertem com a situação e sorriem ao se verem retratados. Escuto, dos mais velhos, histórias da vida na floresta; dos jovens, sonhos, casos de luta e de trabalho; das crianças, outros sonhos. Muitas delas dizem querer ser "pessoal da Marinha quando crescer". Fotografo e desenho uma moça com um olhar intrigante e penso: como estará ela daqui a cinco anos? Confesso que gostaria de fotografá-la de novo dentro deste tempo. Seria possível? Ao me despedir, aceno para eles, que nos observam do alto do barranco do Madeira com sentimento de amizade e de gratidão.

CARVÃO SOBRE PAPEL



Rio Negro
Carvão sobre papel
100x360cm
2012



Paisagem Amazônica

Carvão sobre papel

100x220cm

2012

Paisagem Amazônica

Carvão sobre papel

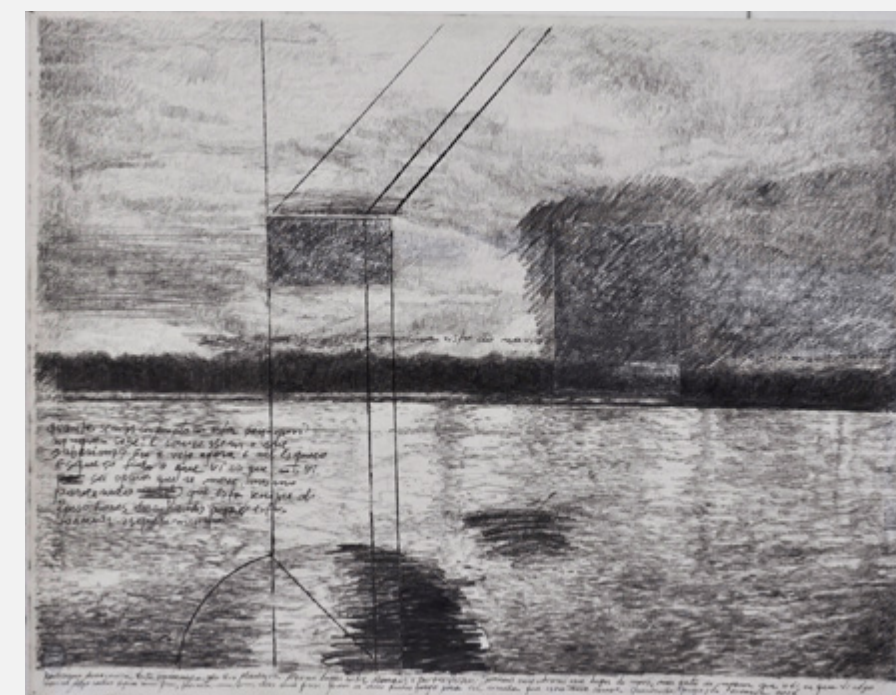
100x150cm

2012



Paisagem Amazônica

Carvão sobre papel
100x230cm
2012



Rio Madeira

Carvão, grafite
e colagem sobre papel
80x100cm
2012

— 04

Na comunidade de Mariri, D. Gracinha, 66 anos, viúva, fala do marido que foi seringueiro; em Bom Retiro, “seu” Raimundo conta que, ao longo de 20 anos, teve de reconstruir quatro vezes sua casa, buscando sempre um lugar mais alto em função das enchentes do Rio Madeira; em São Carlos, converso quase toda a tarde com a família de Josimar. Fotografo e desenho membros da família dele. Ele e o vizinho me contam que sofrem com dores na coluna e me mostram os remédios que foram buscar no posto dos oficiais da Marinha. Digo a eles que também tenho problemas de coluna e que faço fisioterapia para aguentar o tranco; sorrimos e falamos desses exercícios, até que lhes proponho fazermos uma sessão de exercícios de fisioterapia ali, no alpendre da casa. Eles topam e fazemos uma divertida e trabalhosa sequência de exercícios, que eles memorizam e prometem fazer. Combino de enviar-lhes as fotos que tirei deles, mas ninguém sabe o endereço correto. Finalmente chega uma senhora com uma conta d’água mimeografada e resolve o problema. Eles me presenteiam com frutas, mais do que posso carregar: castanha-do-pará, bananas, carambola, cupuaçu e uma bonita graviola. No

navio, compartilho as frutas com os colegas. O cheiro, a maciez e o gosto da graviola transformam o ato de comer em celebração. Em um instante, sou transportado à minha infância, à doce lembrança de um perfume que eu julgava perdido, mas que sempre me acompanhou. À noite, o navio se move devagar, olho para a floresta escurecida e sei que os ribeirinhos estão lá.

— 05

Ao retornar da viagem, aprofundo a experiência de desenhar paisagens em meu ateliê. Intensifico alguns desenhos esboçados e crio outros, bem maiores, com até três metros de extensão. Trabalho muitas vezes com a participação de assistentes, que me ajudam na minuciosa tarefa de criar texturas e escalas de cinza, constituídas de pontos, linhas e gestos. Para desenhar as paisagens, invento paisagens, trabalho com outras mãos e outros olhos. Alunos e ex-alunos acorrem ao meu ateliê e fazemos o que chamamos de “tardes desenhadas”. Oriento-os a partir de uma opção gráfica clara a não desenhar folhas, frutas, ramos; mas a trabalhar com pontos, linhas e o próprio branco do papel, estabelecendo relações de ritmo, contraste e direção.

GRAFITE SOBRE PAPEL



Paisagem Amazônica
Grafite sobre papel
72x100cm
2012



Paisagem Amazônica
Grafite sobre papel
80x100cm
2012



Paisagem
Grafite sobre papel
16,5x290cm
2012



Paisagem Amazônica

Díptico
Gráfico sobre papel
100x160cm
2012



FERNANDO AUGUSTO

Fernando Augusto nasce em Itanhém-BA em 1960. Vive até os 22 anos em Água Fria (Medeiros Neto-BA). Em 1982, muda-se para Belo Horizonte-MG. Estuda Teatro (TU/UFMG). Gradua-se em Artes Plásticas pela EBA/UFMG, tendo estudado com Amílcar de Castro, José Alberto Nemer, Mário Zavagli, Jarbas Juarez, Álvaro Apocalipse, Clébio Maduro, Antonio Eustáquio, Júlio Spindola, Sandra Bianchi, Marco Elísio e outros. Participa de vários Festivais de Inverno da UFMG, tendo estudado com João Quaglia, Abelardo Zaluar, Carlos Fajardo e outros.

A partir de 1984, ainda durante a graduação, começa a participar de salões de arte, tendo recebido várias premiações. Forma-se em gravura em 1987. Pinta a série "Homem de corpo fechado". Em 1989, ganha bolsa de viagem para a Alemanha pelo Goethe-Institut, onde permanece por quatro meses, estuda Alemão, viaja pela Espanha, Itália, França e Estados Unidos. Cria a série "Um lugar para homens e animais". Em 1990, presta concurso para professor na Universidade Estadual de Londrina. Muda-se para Londrina-PR. Em 1992, inicia estudos de mestrado no programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Realiza como dissertação uma reflexão sobre o processo de criação artística, tendo como fulcro a série de desenhos denominada "Diário de Passagem", com a orientação

da professora Dra. Cecília Almeida Salles. Nesse ínterim, sua pintura e desenho se imbricam, seu trabalho torna-se mais gráfico. Entre 1997 e 2001, desenvolve estudos de doutorado no programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP e estuda um ano na Université Paris I Sorbonne – Paris, onde obtém o título Diplôme d'Études Approfondies (D.E.A.), com orientação do professor Dr. Marcio Zeligmann-Silva. Pesquisa a obra do artista mineiro Amílcar de Castro e cria as séries "Aparelhos" (desenho e pintura) e "Quando não se pode ver" (fotografia). Em 2003, realiza a série fotográfica "Os últimos dias de meu pai".

Em 2005, transfere-se de Londrina-PR para Vitória-ES a fim de lecionar na Universidade Federal do Espírito Santo. Em 2006 realiza residência artística e exposição no ateliê Press Papier, em Trois Rivières, Canadá. Cria as séries "Confissões" (desenho e fotografia) e "A casa do passado" (pintura e desenho). Faz várias viagens à Amazônia e, em 2012, embarca em Manaus, em um navio hospital da Marinha Brasileira, para desenhar e fotografar os diversos cenários amazônicos e cria a série "Viajamos para viver" (desenho e fotografia). Em 2015, realiza residência artística no Vermont Studio Center, USA, e começa a desenvolver com a artista nova-iorquina Jill Moser pesquisa colaborativa em desenho e gravura.

Formação

2001 — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil. Doutorado em Comunicação Semiótica.
2000 — Université Paris I - Diplôme d'Études Approfondies (D.E.A.) - Sorbonne, Paris, França.
1987 — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil - Graduação em Artes Plásticas – Gravura.

Publicações

2014 — A invenção da paisagem – Vitória-ES. GSA.
2013 — Pintura sobre pintura - Vitória-ES. GSA.
2013 — Viajamos para viver — Fotografias e desenhos, Midiograf - Londrina-PR.
2011 — Desenho e experiência - UFES, Núcleo de Educação Aberta a Distância, Vitória-ES.
2009 — Linguagem gráfica - UFES, Núcleo de Educação Aberta a Distância, Vitória-ES.
2007 — Lieux privés, fotografia (in) Art Le Saboard, Création Littéraire et Visuelle, n° 76, Trois Rivières, Québec, Canadá.
2006 — "Diálogo com Amílcar de Castro". Revista Arte Filosofia. Tessitura, Belo Horizonte-MG.
2004 — "Os últimos dias do meu pai" (in) Arte em Pesquisa, org. Moreira, M.C.G.A. Eduel, Londrina-PR.
2001/2002 — Coluna Arte e Cultura - Jornal de Londrina, periodicidade: semanal. Londrina-PR.
Publicações on-line:
<http://intoxicacoesfernandoaugusto.blogspot.com.br/>
<http://issuu.com.fernandosantosneto>

Principais Premiações

2014 — Edital Exposição Itinerante, Secult, Vitória-ES.
2006 — Edital Projetos Atos Visuais da Funarte, Brasília-DF.
1999 — Prêmio Aquisição Fotografia - 14º Salão Nacional de Artes Plásticas de Santo André-SP.
1998 — Prêmio Aquisição - 17º Salão Nacional da Fundação Rômulo Maiorana, Belém-PA.
1995 — Prêmio Aquisição Fotografia - XII Salão de Arte de Santo André-SP.
1995 — Prêmio Pintura - Salão II Prêmio Gunther de Pintura, MAC/USP, São Paulo-SP.
1994 — Prêmio Aquisição - 14º Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro-RJ.
1994 — Prêmio Aquisição (desenho) Coletiva - 13º Arte Pará, Fundação Rômulo Maiorana, Belém-PA.

1994 — Prêmio Aquisição IX Salão Nacional de Arte/IBAC, Rio de Janeiro-RJ.
1993 — Grande Prêmio - 18º Salão de Arte de Ribeirão Preto-SP.
1993 — Prêmio Aquisição - 13º Salão Nacional das Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro-RJ.
1992 — Prêmio Aquisição II Salão Paraense de Arte Contemporânea, Belém-PA.
1991 — Prêmio Aquisição - 6ª Mostra de Desenho Brasileiro - Secretaria de Estado da Cultura, Curitiba-PR.
1989 — Bolsa de Viagem - Intercâmbio Cultural Brasil—Alemanha. Goethe Institut de Belo Horizonte-MG.
1987 — Prêmio Sociedade Amigos da Cultura - 18º Salão Nacional de Arte Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte-MG.
1984 — Prêmio Aquisição - II Salão Nacional de Artes Plásticas de Goiânia, Museu de Arte de Goiânia-GO.

Principais Exposições

2015 — Individual "Casa dentro fora através" - Via Thorey, Vitória-ES.
2013 — Individual "Pintura sobre pintura" - Galeria Matias Brotas, Vitória-ES.
2006 — Coletiva "Desenho e fotografia", Press Papier - Trois Rivières, Québec, Canadá.
2004 — "Os últimos dias do meu pai" - Coleção Pirelli MASP, São Paulo-SP.
2000 — Individual "Dialogue difficile" - Galeria Debret, Paris, França.
1998 — Individual - Galeria Amparo 60, Recife-PE.
1997 — Individual "Desenho pintura", Galeria Ybakatu, Curitiba-PR.
1997 — Individual - Galeria Nara Roesler, São Paulo-SP.
1997 — Coletiva "Arte nos anos 80 e 90" - Palácio das Artes, Belo Horizonte-MG.
1996 — V Bienal Internacional Pintura de Cuenca, Equador.
1995 — Salão II Prêmio Gunther de Pintura, MAC/USP, São Paulo-SP.
1994 — Individual - Galeria SESC Paulista, São Paulo-SP.
1994 — 14º Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro-RJ.
1991 — Individual "Um lugar para homens e animais", Palácio das Artes, Belo Horizonte-MG.
1989 — Individual "Arte pra quê?" - Galeria Itaú, Belo Horizonte-MG.
1987 — Individual "Homens de corpo fechado" - Galeria Itaú, São Paulo-SP.

—06

Ao folhear os cadernos e desenhos da viagem, encontro uma página do diário. Transcrevo-a aqui: “21 de janeiro de 2012. Sábado. Acordo cedo, vou para bombordo. Ainda está escuro e faz frio. Sozinho, olho a paisagem em meio à neblina. A luz do farol do navio deixa ver um vapor d’água que sobe do rio como uma boca que respira em dia frio. A lente da câmara fica embaçada. É uma paisagem de sonhos. As formas são apenas sugeridas. Não penso em nada, todavia gostaria de pensar, de falar da intensidade deste instante para que ele durasse, para que eu não o esquecesse. Mas não há palavras que o encarnem. Desejo e palavras são mundos tão distantes que tudo o que falamos ou mesmo compreendemos são simples aproximações do fenômeno. Isso me inquieta e também me salva. Os mistérios dos vapores deste rio vão tão longe que sua verdade me esmagaria. O silêncio dessa madrugada talvez seja sua melhor tradução. Penso: logo tudo isso será passado, e o que direi disso? Direi todas as palavras possíveis, mas sempre ficará o não dito. É esta a imagem desta manhã: estou diante do não dito, do que não se pode dizer, do que não direi nunca, do que, no entanto, me faz produzir palavras e imagens. O céu começa a adquirir cores, e o que era escuridão se torna forma. Vejo o primeiro azul do dia. Aos poucos,

surgem o primeiro vermelho e o primeiro verde. Eles vão saindo da escuridão, mostrando-se tão lentamente que não sei dizer onde ou quando começaram. Um ribeirinho sobe o barranco do rio, levando às costas um saco. Em cima do barranco, outros ribeirinhos, de pé, nos observam. O navio passa. O que eles veem? Certamente veem algo equivalente ao que estou vendo, o outro, o distante, o conhecido e o desconhecido, o que passa. Tento guardar essa imagem, desenho, fotografo, crio formas que se ligam umas às outras e me dizem algo do existir. Aprendo que guardar uma imagem é inventá-la.”

—07

Ao embarcar de volta para casa, olho da janela do avião a paisagem amazônica lá embaixo, com um misto de alegria e saudade. O rio Solimões brilha com a luz do sol e se bifurca como os dedos de uma grande mão. É uma visão extraordinariamente bela! Observo até onde a vista pode alcançar e me pergunto: onde estive ali? Sigo os rios até eles se perderem em meio aos diferentes verdes da floresta. Parece-me que nunca estive ali, parece-me que os vejo pela primeira vez e que a floresta continua desconhecida, continua virgem e me convida a retornar.

AQUARELA SOBRE PAPEL



Paisagem Amazônica

Aquarela sobre papel
24x192cm
2014



Paisagem Amazônica II

Aquarela sobre papel
24x128cm
2014



Retrato de Menino Ribeirinho

Aquarela sobre papel
29x39cm
2011



Retrato de Menino Ribeirinho

Aquarela sobre papel
29x39cm
2011

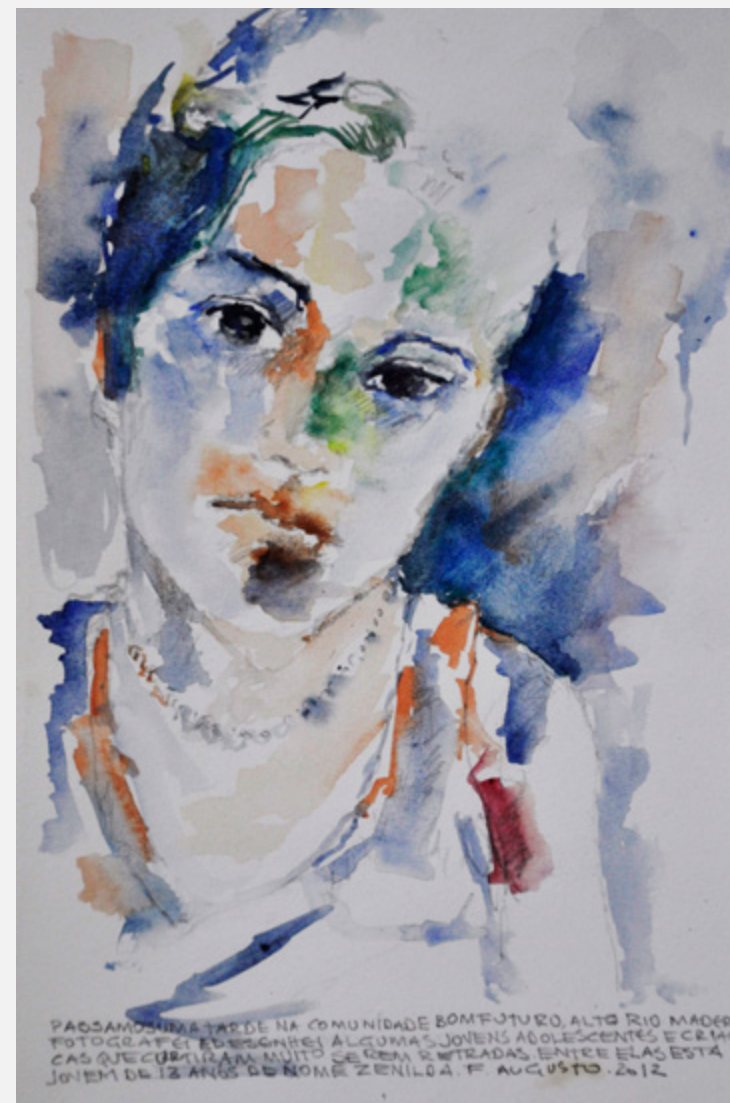


Retrato de Menino Ribeirinho

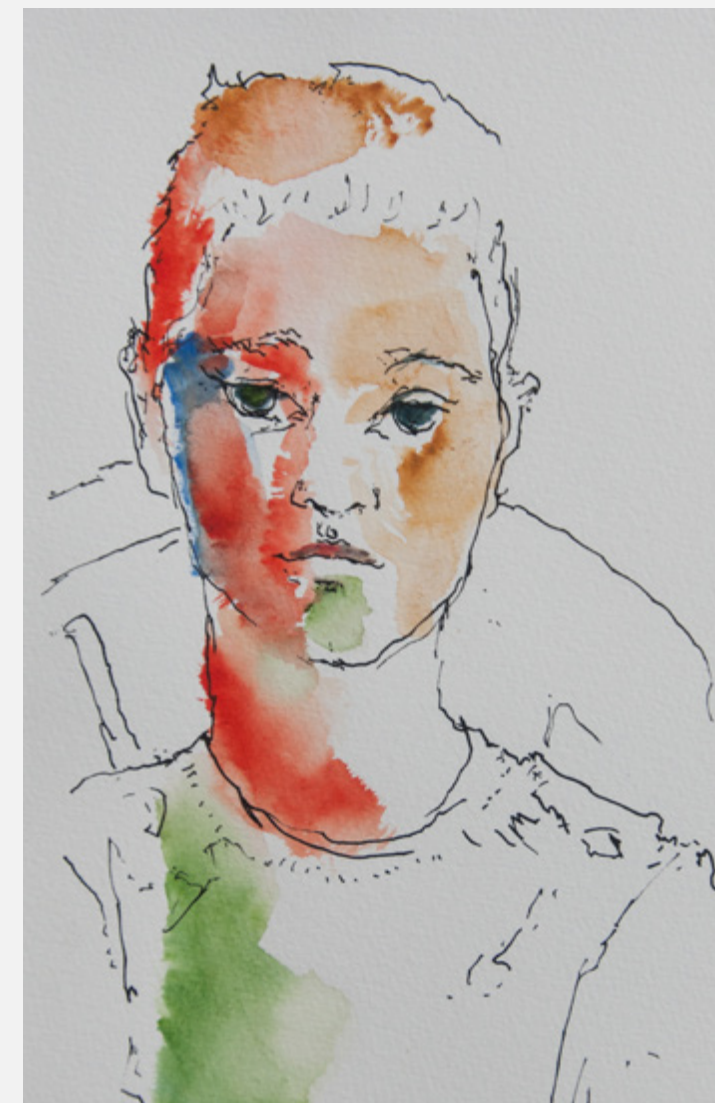
Aquarela sobre papel
29x39cm
2012



Retrato de Menina Ribeirinha
Aquarela sobre papel
29x39cm
2012



Retrato de Menina Ribeirinha
Aquarela sobre papel
29x39cm
2011



Retrato de Menino Ribeirinho
Aquarela sobre papel
29x39cm
2012

FOTOGRAFIA DIGITAL



Rio Negro, encontro das águas
Fotografia digital
2012



Rio Madeira
Fotografia digital
2012



Manaus/AM
Fotografia digital
2012



Mercado Municipal de Manaus/AM
Fotografia digital
2012



**Mesa Diretora da
Câmara dos Deputados**

Presidente
Eduardo Cunha (PMDB/RJ)

1º Vice-Presidente
Waldir Maranhão (PP/MA)

2º Vice-Presidente
Giacobo (PR/PR)

1º Secretário
Beto Mansur (PRB/SP)

2º Secretário
Felipe Bornier (PSD/RJ)

3º Secretário
Mara Gabrilli (PSDB/SP)

4º Secretário
Alex Canziani (PTB/PR)

Suplentes
Mandetta (DEM/MS)
Gilberto Nascimento (PSC/SP)
Luiza Erundina (PSB/SP)
Ricardo Izar (PSD/SP)

Procurador Parlamentar
Claudio Cajado (DEM/BA)

Corregedor Parlamentar
Carlos Manato (SD/ES)

Diretor-Geral
Romulo de Sousa Mesquita

Secretário-Geral da Mesa
Silvio Avelino da Silva

Coordenação do Projeto
Secretaria de Comunicação Social
Centro Cultural Câmara dos Deputados

Secretário de Comunicação Social da Câmara dos Deputados
Cleber Verde (PRB-MA)

Diretora do Centro Cultural
Isabel Martins Flecha de Lima

Produção
Clarissa de Castro

Fotografia
Fernando Augusto | Daniel Elizario | Tom Boechat

Revisão
Maria Amélia Elói

Projeto Gráfico
Ely Borges | Israel Cerqueira | Diego Justino

Coordenação do Núcleo de Design
Odúlia Barroso

Assessoria de Imprensa
C. André Laquintinie

Montagem da Exposição
André Ventorim | Edson Caetano
Paulo Títula | Victor Paiva | Wendel Fontenele

Conservação e Restauração
Seção de Conservação e Restauração da Câmara dos Deputados – Cobec/Cedi

Material Gráfico
Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Impressão - Plotagem
WL Serviços

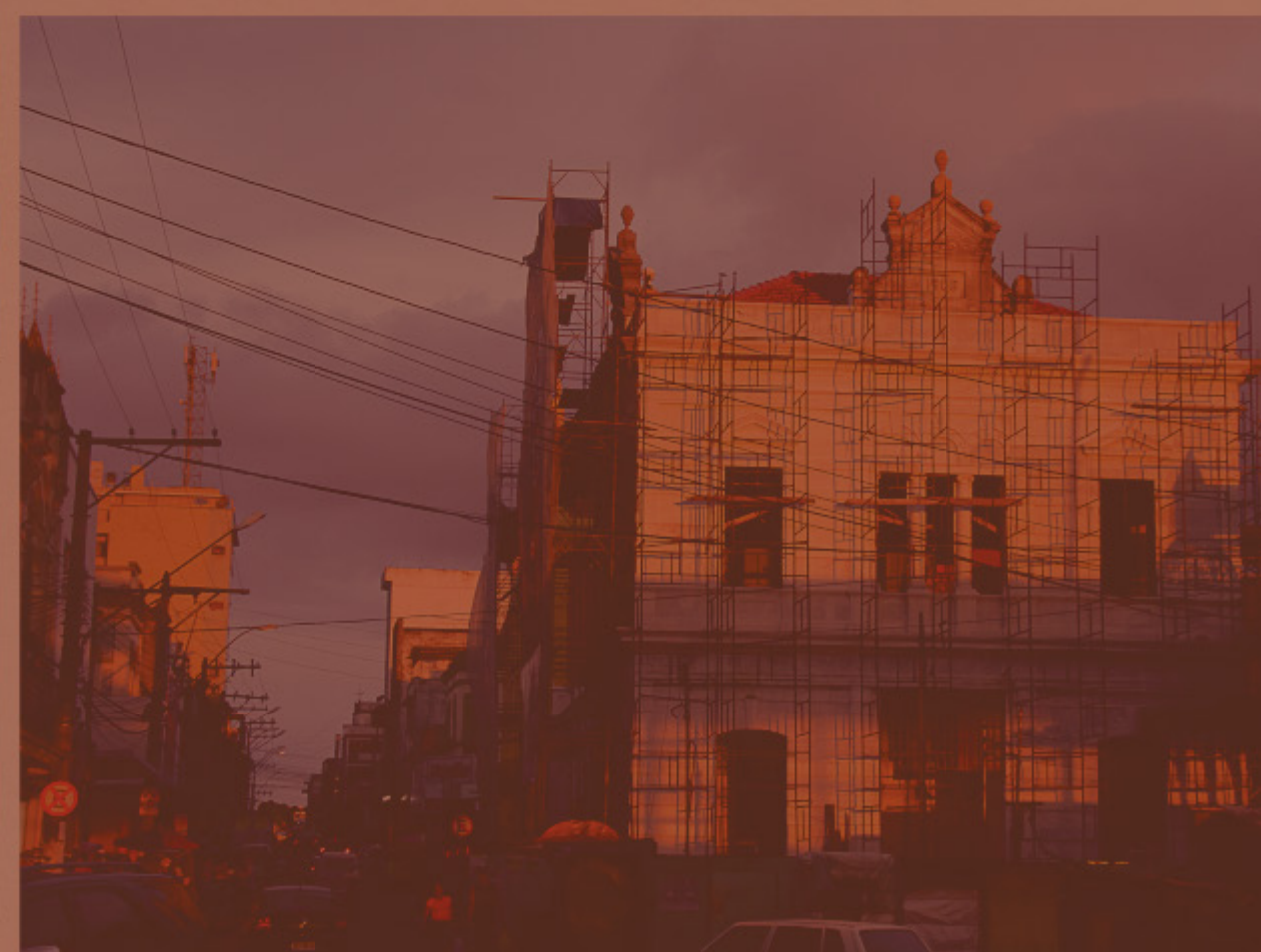
Contato do Artista:

Fernando Augusto
Rua Dr. Dido Fontes, 56 – Ap. 202, Jardim da Penha, Vitória/ES – CEP 29060-280
e-mail: fa_augusto@yahoo.com.br
(27) 3225 6791 / (27) 99722 2022

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados
Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70.160-900 – Brasília/DF
<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/centro-cultural>

Brasília, julho de 2015.

Centro Cultural
Secretaria de
Comunicação Social





Centro Cultural